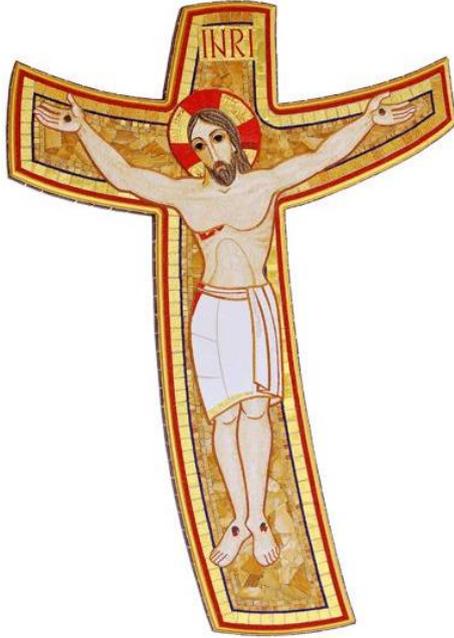


PAIXÃO DO SENHOR¹

Is 52,12-53,12 | Sl 30(31) | Hb 4,14-16; 5,7-9 | Jo 18,1-19,42

CRUZ: DA TRISTEZA À ESPERANÇA!



Embora não seja uma unanimidade, existe um pensamento comum de que a Semana Santa é uma semana triste. Por que essa percepção? Talvez porque muitos se sentem tocados pelas celebrações que recordam a Paixão de Jesus, que se estendem desde o Domingo de Ramos até a Sexta-feira Santa, com o acréscimo de tradições da piedade popular que nos colocam diante das imagens do Senhor dos Passos, do Senhor Morto, da Senhora das Dores etc.; que nos conduzem a reflexões como a Via-sacra, as Sete Palavras de Jesus na Cruz, as Sete Dores de Maria etc. Além disso, parece haver uma predisposição do povo sofredor que se solidariza com todo esse contexto e se sente de algum modo

alcançado em seus próprios sofrimentos. No fim das contas, esta Semana é considerada triste porque recordamos a morte do Senhor Jesus.

Contudo, será que tal percepção é a mais adequada? Celebramos, de fato, a morte de Jesus? Teologicamente, nós não celebramos a *morte* de Jesus, mas a sua *páscoa*, isto é, sua passagem. Afinal, a morte era uma inimiga a ser vencida (cf. 1Cor 15,26) e Cristo, passando por ela, a destruiu de uma vez por todas (cf. 2Tm 1,10; Ap 1,18). Portanto, celebramos o mistério pascal de Jesus: sua paixão, morte e ressurreição. Dessa maneira, inseparáveis! Mesmo contemplando o sacrifício de Jesus na cruz, de modo especial nesta celebração, sobretudo através da escuta atenta da narrativa de sua paixão (evangelho) e do rito da adoração da cruz, fazemos esse exercício já na certeza de sua ressurreição. Seria um erro tremendo considerar a morte de Jesus, parando nela, esquecendo-se de que, no terceiro dia, Ele saiu do sepulcro vitorioso. Por essa razão, deveríamos saltar da compreensão de uma semana triste para a experiência de uma semana contemplativa, toda ela encharcada de esperança. Recordemos o que nos diz a Carta aos Hebreus na segunda leitura: *“Temos um sumo sacerdote eminente, que entrou no céu, Jesus, o Filho de Deus. Por isso, permaneçamos firmes na fé que professamos”*.

¹ Homilia proferida na Paróquia São João Batista (São João) em 7 de abril de 2023.

Há, porém, quem faça esta objeção: se contemplamos a cruz já sabendo que o Cristo vive, então, por que não nos contentarmos em recordá-Lo vivo? Ora, em nenhum momento perdemos de vista que Jesus está vivo em nosso meio, por outro lado, sabemos que não existe ressurreição sem morte. Ninguém ressuscita sem morrer! Logo, afirmamos mais uma vez: o que celebramos com muita consciência é a Páscoa de Cristo. Na certeza de que Ele vive entre nós, seria simplesmente desumano desprezar toda a sua trajetória, toda a injustiça que Lhe foi perpetrada. Enquanto cristãos, devemos estar conscientes de um dever de memória, nos moldes da pregação de Pedro: *“O Deus de nossos pais ressuscitou Jesus, a quem vós matastes”* (At 5,30). Não há misericórdia sem justiça e não há justiça sem memória! Assim, quando colocamos para veneração as imagens do Senhor crucificado em nossas igrejas, casas e mesmo nos espaços públicos, não o fazemos para promover um dolorismo estéril, mas para manter viva a memória de um Deus que se fez carne e foi fiel até o fim, mesmo diante de uma condenação injusta. Desprezar a cruz de Cristo seria fechar os olhos para o povo que ainda experimenta dor, sofrimento e injustiças, como o povo de Israel representado pelo Servo Sofredor na primeira leitura. Contemplar a cruz é contemplar a vitória de Cristo, que foi fiel até o fim; é descobrir uma fonte de esperança que desemboca na vida junto do Deus da vida!

PE. ÉVERTON MACHADO DOS SANTOS
Pároco da Paróquia São João Batista

Senhor Jesus Cristo, que venceste a morte sendo fiel ao Pai até o fim, dai-nos, por vossa misericórdia, a graça da fidelidade e do senso de memória, para que não percamos de vista a esperança e a solidariedade. Vós, que viveis e reinais com o Pai, na unidade do Espírito Santo.